

As duas figurinhas objecto de esta notícia provêm da estrutura tipo *tholos* e a falange esculpida estava associada a dois recipientes cerâmicos, um deles um prato de bordo espessado de grandes dimensões.

No entanto, o que talvez seja o mais interessante será a associação que implicam e o facto de uma das figurinhas, esculpida sobre uma primeira falange de equídeo, ter o contorno que corresponde à base da outra, modelada em argila. Tal como na Península de Lisboa, as falanges de equídeo – quer lisas quer gravadas – representam indiscutivelmente uma divindade feminina, que se apresenta em cada artefacto ideotécnico com nenhum, com parte, ou com muitos dos componentes simbólicos associados à face da Deusa calcolítica: o Cabelo, as Sobrancelhas, os Olhos de Sol, as pinturas ou tatuagens faciais, quando não os Seios, o Umbigo e o Triângulo púbico. Quer o suporte seja o xisto das placas de xisto gravadas, o grés, o calcário, as falanges de cervídeo ou equídeo, as representações são sempre as mesmas, mostrando que elas se adaptam ao suporte, mas estão acima dele, traduzindo uma imagem gráfica simbólica própria ao Ocidente peninsular durante os primeiros três quartos do 3º milénio.

Este é mais um texto da série MSPOP, tendo os próximos como objecto as placas de xisto gravadas designadas por «Híbridas», as placas «CTT» e as placas com Olhos de Sol.

Palavras-chave: Calcolítico – 3.º milénio a.n.e. – subsistema mágico-religioso – figurações da Deusa.

ABSTRACT

The site of Monte Novo dos Albardeiros visually consists of a small tell with two main phases of occupation, the earliest corresponding to the first half of the third millennium cal BC and the second phase to the second part of the same.

During the first of these phases, that follows an episode of occupation not well defined, the site formed a fortified farmstead with a massive hollowed tower surrounded by a thick retaining wall. A foundation deposit consisting of marine shells placed under the door sill of the passage from the tower to the settlement, was also identified.

During the second phase of occupation, the defensive structures were decommissioned (the tower was filled by remains of the structure and broken artifacts), and a tholos structure of large dimensions built for funerary purposes.

The two small figurines, forming the main purpose of this paper, were discovered in the tholos and the engraved phalanx was in association with two ceramic containers, one of which was a thick rimed plate.

However, perhaps the most remarkable aspect of this find is their implied association and the fact that one of the figurines, sculpted from a first phalanx of an equid, have its contour (corresponding to the base of the second figurine) modelled in clay. As in the Lisbon Peninsula, equid phalanges – plain or engraved – represent without a doubt a female deity portrayed in these ideotechnic objects with or without several of the symbolic components associated with the Chalcolithic Goddess: Hair, Eyebrows, the Sun's Eyes, facial paint or tattoos, sometimes Breasts, Bellybutton and Pubic triangle. Whether made from schist, of the engraved schist plaques, gres, limestone, cervid or equid phalanges, these representations are always the same, demonstrating their adaptability to the medium in which they are made, transmitting a symbolic image characteristic to the West of the Iberian Peninsula during the first three quarters of the third millennium.

This article belongs to the MSPOP series, the forthcoming texts will concentrate on the engraved schist plaques known as "Hybrid, the "CTT" plaques and the plaques with Eyes of the Sun.

Key-words: Chalcolithic – Third Millennium cal BC – magico-religious subsystem – representation of the Goddess.

The American Medical Association is a non-profit corporation organized for the purpose of promoting the science and art of medicine, and of improving the medical education of the people. It was organized in 1847, and has since that time been engaged in a constant effort to advance the interests of the medical profession and the public. The Association is composed of more than 50,000 members, who are organized into local, state, and national societies. The Association's work is carried on through its various departments, which include the Department of Education, the Department of Legislation, the Department of Public Health, and the Department of Research. The Association's efforts are directed towards the improvement of medical education, the advancement of medical science, and the promotion of the health of the people. The Association's work is carried on through its various departments, which include the Department of Education, the Department of Legislation, the Department of Public Health, and the Department of Research. The Association's efforts are directed towards the improvement of medical education, the advancement of medical science, and the promotion of the health of the people.

The American Medical Association is a non-profit corporation organized for the purpose of promoting the science and art of medicine, and of improving the medical education of the people. It was organized in 1847, and has since that time been engaged in a constant effort to advance the interests of the medical profession and the public. The Association is composed of more than 50,000 members, who are organized into local, state, and national societies. The Association's work is carried on through its various departments, which include the Department of Education, the Department of Legislation, the Department of Public Health, and the Department of Research. The Association's efforts are directed towards the improvement of medical education, the advancement of medical science, and the promotion of the health of the people. The Association's work is carried on through its various departments, which include the Department of Education, the Department of Legislation, the Department of Public Health, and the Department of Research. The Association's efforts are directed towards the improvement of medical education, the advancement of medical science, and the promotion of the health of the people.

1. O MONTE NOVO DOS ALBARDEIROS

Em 1984, uma antiga aluna da Faculdade de Letras de Lisboa, Ana Paula Amendoeira, que escavara comigo no Cerro do Castelo de Santa Justa, chamou-me a atenção para as destruições sofridas por um sítio arqueológico inédito, anexo ao Monte Novo dos Albardeiros, junto à povoação do Campinho (Reguengos de Monsaraz). O espólio recolhido era constituído por materiais arqueológicos típicos de povoados do 3º milénio (nomeadamente pratos de bordo espessado e pesos de tear em forma de crescente ou linguça).

Após uma primeira tentativa de visitar o sítio, logo em 1984, frustrada pelas dificuldades de acesso, habituais em solos de tipo A-B durante a época das chuvas, visitei o Monte Novo dos Albardeiros em 1985 e, com alguma surpresa, verifiquei a inexistência de qualquer material arqueológico à superfície. No entanto, numa vala aberta com um *caterpillar*, observava-se a presença de pedras com o aspecto de integrarem muros, aliás felizmente responsáveis pela danificação da máquina agrícola e pela suspensão temporária do vandalismo. De novo, materiais arqueológicos típicos do 3º milénio apareciam em plena vala.

As circunstâncias de todas estas ocorrências foram oportunamente narradas, no primeiro (e até agora único) texto exclusivamente dedicado às intervenções que dirigi, e que só foram interrompidas pelo desinteresse do IPPC em continuar a apoiar as escavações (Gonçalves, 1988/89). No entretanto, em 1989, recuperei dados, numa síntese de perspectivas diferentes (Gonçalves, 1989b).

No texto publicado na PORTVGALIA, e na publicação subsequente, apresentei a cabeça de uma figurinha de argila cozida, com evidentes semelhanças com outras representações teomórficas conhecidas no Sul de Portugal, particularmente com as exumadas no Cerro do Castelo de Santa Justa, em diferente suporte.

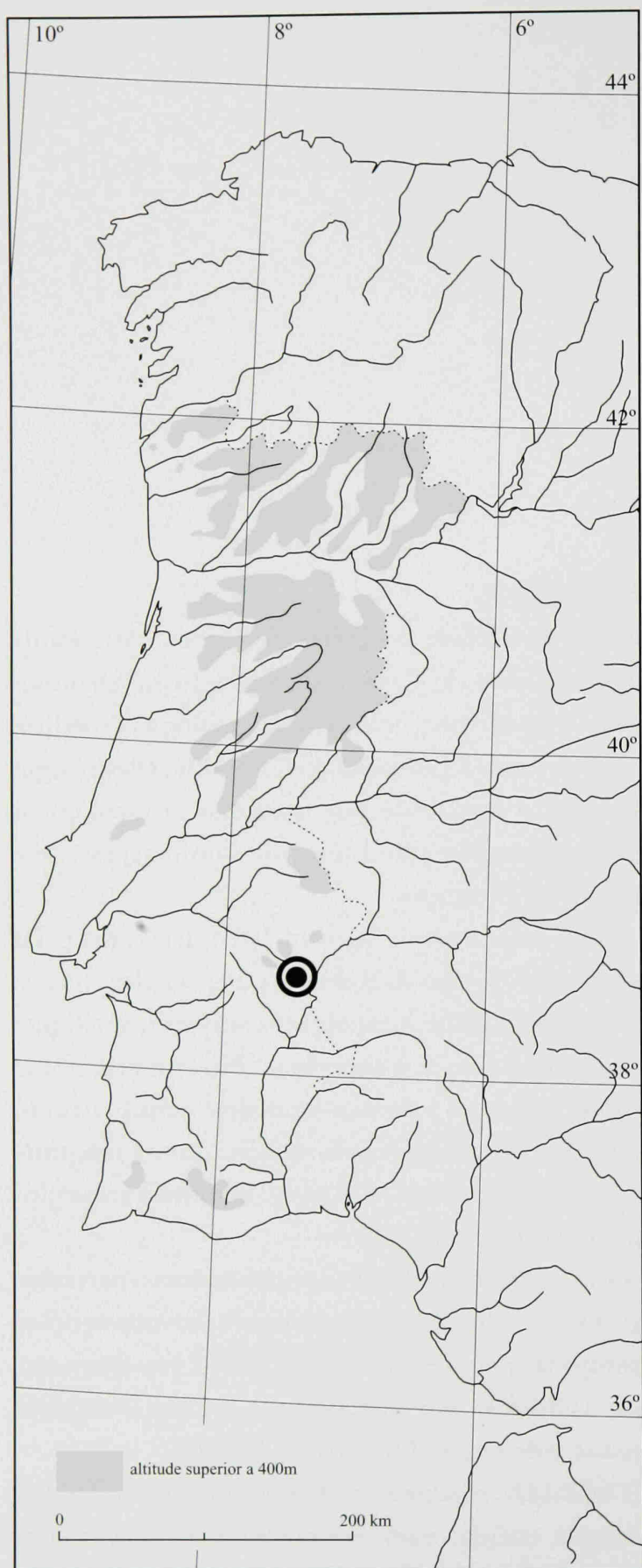


Fig. 1 – Localização do Monte Novo dos Albardeiros na fachada atlântica da Península Ibérica.

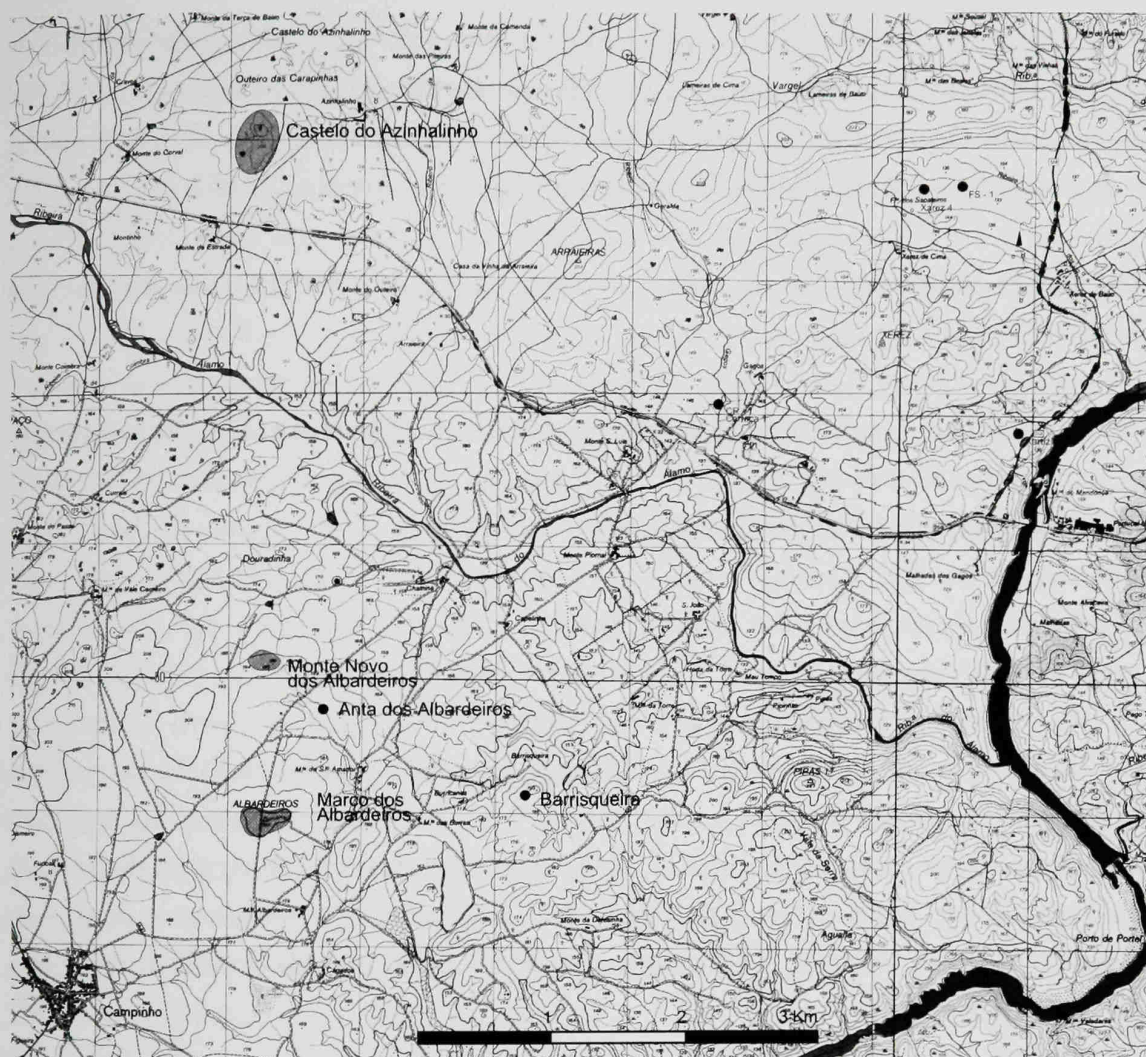


Fig. 2 – Localização do Monte Novo dos Albardeiros na Carta Militar Portuguesa 482.

Salienta-se a proximidade com o Marco dos Albardeiros, um sítio de povoamento, com fossos, imediatamente anterior, e a anta existente entre ambos. Mas, sobretudo, deve ser valorizada a localização em referência ao Castelo do Azinhalinho, um povoado muito provavelmente também equipado com um dispositivo defensivo e, para o qual, por diversas vezes, não consegui autorização do proprietário para escavar. No entanto, as recolhas de superfície evidenciaram o carácter coevo das duas ocupações, sendo evidente o comum domínio dos territórios contíguos, por intervisibilidade.

O Guadiana, a Oriente, define os limites físicos do território imediatamente explorável.

Ultimamente, foram efectuados trabalhos de gabinete com a finalidade de avançar num estudo monográfico que relançasse o interesse pelo sítio, e concluído o desenho de todas as cerâmicas recolhidas nas intervenções de campo de 1986 e 1989 (Projecto FCT GUME-RM, PCSH/C/HAR/1001/95). Nesse episódio, surgiu um fragmento cerâmico (MNAL-J.11-104), que era efectivamente a parte que faltava a MNAL-J.12-99. Estava assim completa a figurinha e pareceu importante publicá-la na sua forma total agora recuperada, acompanhada por uma outra (MNAL-K.12-96), esta de osso, recolhida perto dos dois fragmentos.

Sobre o sítio e as suas específicas visibilidades, foi muito recentemente produzido um texto, a publicar muito possivelmente ainda em 2006 (Gonçalves

e Alfarroba, no prelo). Outro, sobre alguns dos artefactos metálicos recolhidos, foi também objecto de uma apresentação no Colóquio *Metallurgy – a touchstone for cross-cultural interaction. The British Museum*, Londres, 28-30 de Abril 2005, e será divulgado brevemente (Gonçalves, Valério e Araújo, 2005).

Na primeira publicação sobre o Monte Novo dos Albardeiros, descrevia-se assim a localização do sítio:

«O sítio pré-histórico do Monte Novo dos Albardeiros tem a seguinte localização:

Distrito: Évora

Concelho: Reguengos de Monsaraz

Freguesia: Campinho

Sítio: Monte Novo dos Albardeiros

Carta Militar: 482

Coordenadas Gauss: X: 259.5; Y: 57.9.

A área arqueológica encontra-se sobre uma muito ligeira elevação de terreno, subrectangular, que domina a planície que se estende até à Serra das Pedras e Monsaraz. Trata-se, de algum modo, da última sobre-elevação de terreno disponível, pelo que a sua ocupação e fortificação se compreende perfeitamente dentro da lógica comum à estratégia de povoamento da primeira¹ metade do terceiro milénio, no Sul de Portugal.

Nessa pequena área, sensivelmente a 1/3 da sua extensão de Este para Oeste, sob uma oliveira, era observável uma elevação grosseiramente circular, mais declivosa a Norte. Em toda a extensão, não eram visíveis quaisquer vestígios arqueológicos, o que, tratando-se de uma área escassamente agricultada, reservada actualmente ao abrigo de animais, não deveria ser conclusivo.

A capacidade de uso agrícola dominante nestas terras é excelente para uma agricultura de enxada (tipos B e C), ainda que elas se tomem excessivamente pesadas após as primeiras chuvas. O próprio caminho actual entre o Campinho e o Monte Novo fica, nessas alturas, completamente intransitável para viaturas de tracção animal. A progressão a pé não é impossível, mas certamente penosa. Hoje, sob chuva intensa, só com tracção às quatro rodas se consegue fazer o caminho entre o Monte e o Campinho.» (p. 49).

¹ No original, por erro, «segunda metade».

E também:

«...a primeira ideia para um arqueólogo de campo seria a de se ^{/50} encontrar perante uma estrutura tumular excepcionalmente bem conservada, envolvendo um dos muitos monumentos megalíticos da região. Para um conhecedor da bibliografia disponível sobre o megalitismo de Reguengos de Monsaraz, particularmente para um leitor dos Leisner (Leisner e Leisner, 1951, reimpresso em 1985), uma observação mais atenta levantaria as primeiras dúvidas: as poucas mamoaas sobreviventes no Concelho de Reguengos não apresentam as características específicas daquela elevação, nem se encontram construídas com a irregularidade descrita. Os Leisner registaram, mesmo, particularidades dos sedimentos usados para a sua construção, o que os levou a afirmar que, pelo menos em alguns casos, teriam sido trazidos de outros contextos geológicos (*ibid.*, p. 32). A sua natureza poderia ter determinado um hábito local similar ao detectado em Proença-a-Nova, sendo esses sedimentos aproveitados para as construções de taipa, ainda comuns na primeira metade do nosso século.» (p. 49-50)

Quanto à sequência de ocupação verificada para o Monte Novo dos Albardeiros, no final das duas Campanhas era já possível uma primeira panorâmica de síntese e periodização, ainda que se pensasse «...impossível, sem uma escavação em área extensa do sítio, propor uma sequência de ocupação integral, ordenando a totalidade das séries de construção/ ocupação/ abandono/ derrube.» (Gonçalves, 1988-89, p. 59):

FASE 1

1º episódio do sítio: instalação de um grupo de dimensões desconhecidas, que construiu cabana(s) revestida(s) com argila. É, aparentemente, uma ocupação que assenta quase directamente sobre o solo do afloramento.

FASE 2

2º episódio: abandono e/ou derrube parcial das estruturas habitacionais;

3º episódio: construção e uso (também como lugar de habitação) de uma grande torre de planta em ábside, conectada a um dispositivo defensivo complexo, nomeadamente uma espessa muralha, que configuram uma quinta fortificada;

4º episódio: reforço sistemático da grande torre, mais do que duplicando a sua espessura.

FASE 3

5º episódio: abandono e derrube parcial da fortificação, correspondendo ao desactivar do dispositivo defensivo;

FASE 4

6º episódio: regularização do solo de topo das paredes emergentes da grande torre, construção e primeiro uso da Estrutura tipo *tholos*; (Fase 3);

7º episódio: utilização da Estrutura tipo *tholos* com finalidade funerária, em meados do 3º milénio. (Fase 4);

FASE 5

8º episódio: derrube da Estrutura e abandono do sítio;

FASE 6

9º episódio: enterramentos da Idade do Bronze antigo no topo da colina artificial formada pelas Estruturas 2 e 1, sobrepostas, pelos seus derrubes, e pelas estruturas envolventes;

Situação em 1980-1984: destruições com picaretas e retro-escavadora nas áreas centrais da colina artificial, arrasando o centro das Estruturas e danificando-as.

Estas seis fases e os nove episódios estão incompletamente datados e não é sequer possível separar os episódios 6 e 7, ainda que a sua existência seja evidente. A cronologia absoluta datou a quinta fortificada (Fase 2, 2º episódio ou período de ocupação do sítio) entre 2886-2460 cal BC, a dois sigmas (ICEN-530) e a construção de tipo *tholos* entre 2470-1910 cal BC, a dois sigmas (ICEN-529). Estando ambas figurinhas incluídas no espólio recolhido na estrutura tipo *tholos*, só há duas possibilidades:

1. ambas pertencem a um episódio correspondendo ao abandono da estrutura mais antiga e foram remobilizadas para níveis superiores durante a construção da estrutura posterior;
2. as figurinhas foram recolhidas num contexto de origem, o que, pelo menos para a de osso, parece quase indiscutível, e são datáveis já da segunda metade do 3º milénio.

Para esta última possibilidade me inclino, perante os dados de campo e cronométricos, ainda que visse, *a priori*, uma maior antiguidade para ambas.

2. AS DUAS FIGURINHAS

Ficha de peça

Código para Referência: MNAL-K.12-96. N. MNA, 2005.77.1.

Descrição: primeira falange de equídeo, reduzida por polimento em todas as superfícies.

Fase 4 do sítio, 6º ou 7º episódio.

Coordenadas X: 110; Y: 120; Z: 060.

Associada ao pote MNAL-K.12-90 e ao grande prato MNAL-K.12-91.

Altura: 70,57 mm.

Espessura no topo: 14,57 mm.

Espessura na base: 22,76 mm.

Peso actual: 35,77 gr.

Data de recolha: 86.05.02.

Ficha de peça

Código para Referência: MNAL-J.12-99. No MNA, 2005.77.2.

Descrição: cabeça de uma figurinha de cerâmica.

Fase 4 do sítio, 6º ou 7º episódio, área limite da estrutura destruída.

Coordenadas X: 180; Y: 020; Z: 045.

Data de recolha: 86.05.09.

Ficha de peça

Código para Referência: MNAL-J.11-104

Descrição: base da cabeça da figurinha de cerâmica J.12-99. No MNA, 2005.77.2.

Fase 4 do sítio, 6º ou 7º episódio.

Coordenadas X: 125; Y: 135; Z: 040.

Data de recolha: 86.05.05.

Medidas para o artefacto na sua forma actual:

Altura: 79,91 mm.

Espessura no topo: 26,96 mm, no eixo longitudinal.

Espessura na base: 33,15 mm.

Peso actual: 174,83 gr.

Em relação à figurinha de cerâmica, convém sublinhar a diferença entre os dois fragmentos que a compõem, certamente devida a fenómenos pós-deposicionais. Na cabeça, a superfície apresenta-se rugosa e sem conservar indícios de um qualquer revestimento. O desgaste expõe, na cabeça, os

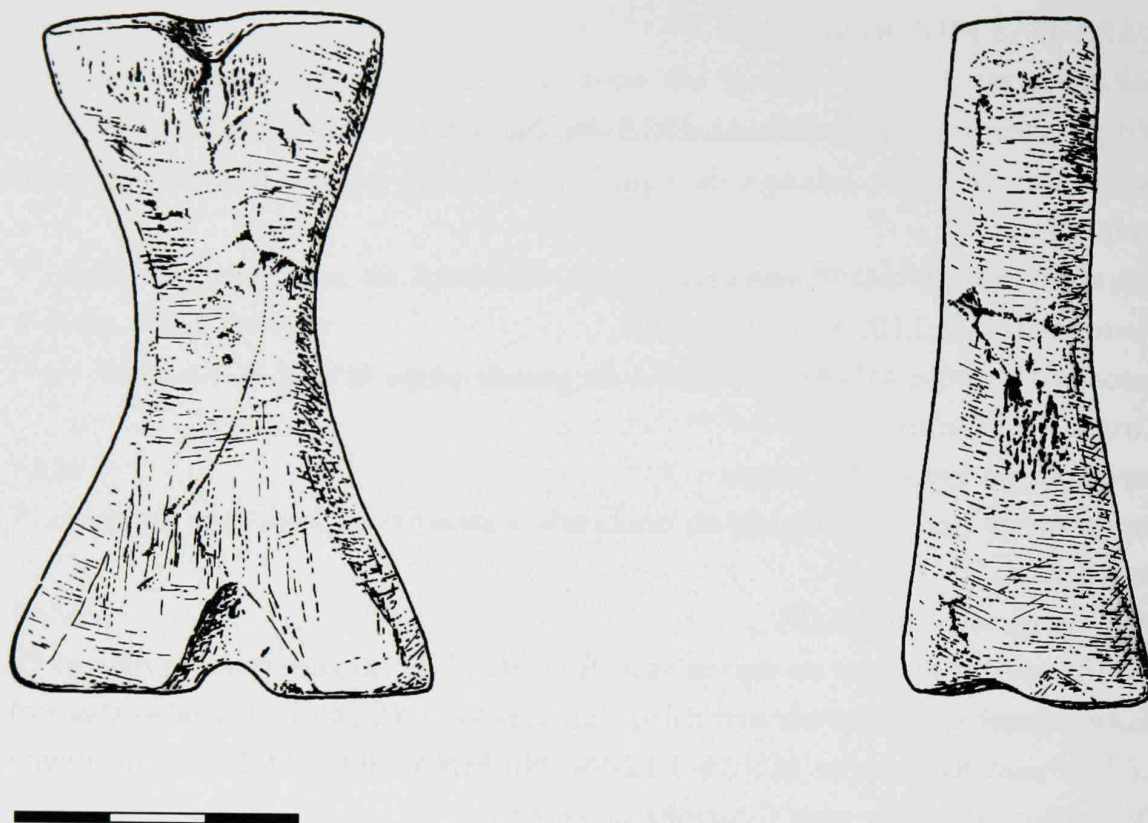


Fig. 3A – Monte Novo dos Albardeiros: duas vistas da falange MNAL-K.12-96.

grosseiros componentes não plásticos e apenas o arrefecimento redutor da figurinha. Na base, o alisamento e o engobe, perfeitamente conservados, evidenciam a qualidade do acabamento que a totalidade da peça deveria ter tido.

Ambas peças encontram-se actualmente depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, onde receberam os números de inventário 2005.77.1 (falange) e 2005.77.2 (figurinha de cerâmica). Foram fotografadas pelo autor e desenhadas por H. Figueiredo, desenhadora daquela instituição.

3. AS FIGURAÇÕES DA DEUSA NA FASE 4 DA OCUPAÇÃO DO MONTE NOVO DOS ALBARDEIROS

Não é objecto de este texto um comparativismo sistemático, com artefactos ideotécnicos semelhantes ou morfologicamente aparentados do Centro e Sul de Portugal (grutas da Estremadura), ou povoados do Sul de Espanha (Cabezo Juré,

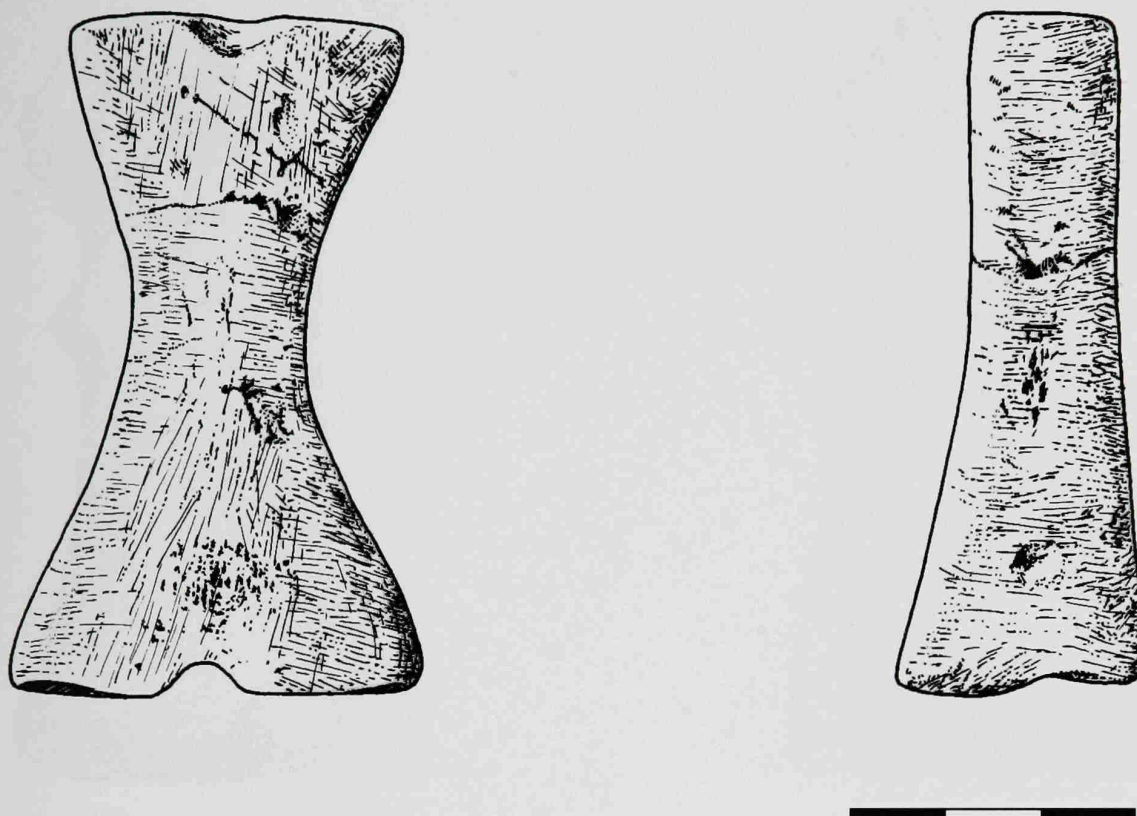


Fig. 3B – Monte Novo dos Albardeiros: duas vistas da falange MNAL-K.12-96.

por exemplo), a incluir noutro contexto editorial, o da monografia, mas as duas figurinhas justificam desde já uma análise e a explicitação dos comentários dela decorrentes.

Em termos gerais, a falange MNAL K.12-96 apresenta o aspecto morfológico comum a todas as falanges, quer de cervídeo, quer de equídeo quer eventualmente de bovídeo, salvaguardadas dimensões e particularidades específicas a cada espécie. Apesar destas últimas, é visível um «ar de família», independentemente de estarem ou não gravadas. Claro que, quando o estão, as semelhanças se acentuam, mas tal se deve à gramática decorativa própria a uma única figura, a representada em todas elas. Quando lisas, elas são normalmente cuidadosamente desbastadas e os traços de regularização das superfícies e polimento ficam aliás bem registados no osso macio.

Todas as falanges assentam num solo regular, sem problemas, mantendo-se em pé, e esta não é exceção.

Convém sublinhar que uma das situações em que o natural evolui para o cultural, o «selvagem» para o «doméstico», está aqui presente

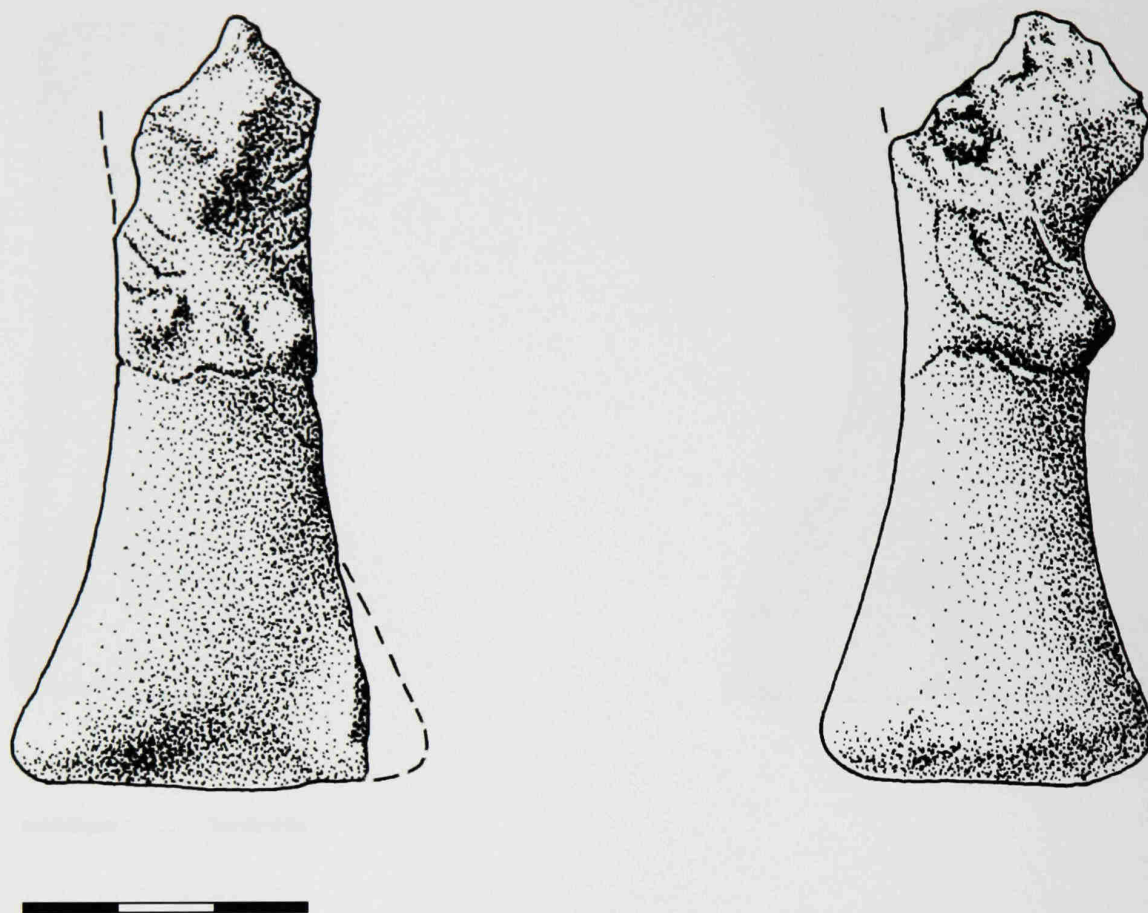


Fig. 4A – Monte Novo dos Albardeiros: duas vistas da figurinha de argila cozida MNAL-J.12-99+ J.11-104.

e tipificada. Na face da falange MNAL K.12-96, uma das extremidades, a inferior, oferece uma depressão ovalada, vertical, que é facilmente associável à representação dos grandes lábios, sendo o seu aspecto vulvar inquestionável.

O sexo destas representações teomórficas também não permite dúvidas: cabelos compridos, tranças, tatuagens ou pinturas faciais poderiam pertencer aos dois sexos, mas o triângulo ou a representação vulvar são inconfundíveis. Mais uma vez, quando recordamos o implícito e o explícito nas placas de xisto gravadas (Gonçalves, 2004a), se percebe que muitas vezes não é necessário explicitar o que pode ser simplesmente sugerido (e imediatamente entendido, por toda a gente que partilha o mesmo complexo mágico-religioso.).

A figurinha MNAL-J.12-99 + J.11-104 faz parte de um conjunto de situações muito mais restrito que o das falanges, gravadas ou não. É certo que

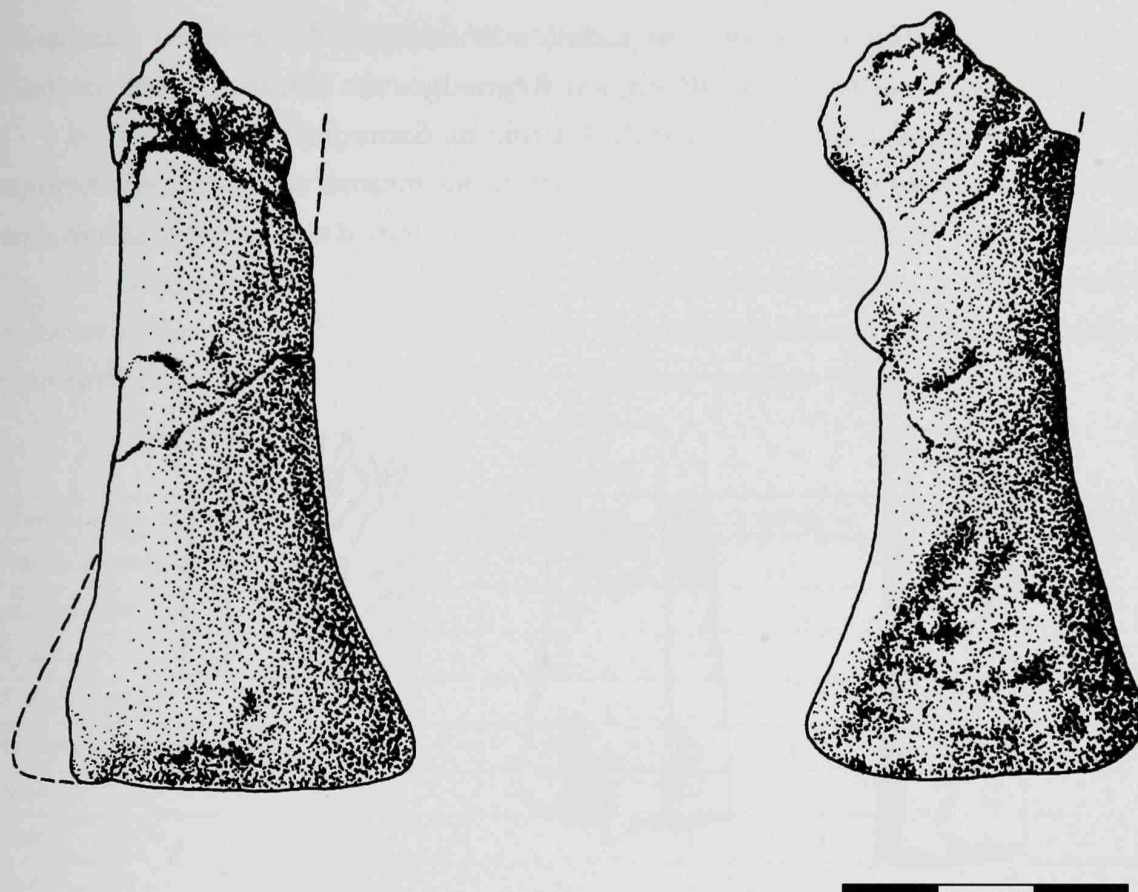


Fig. 4B – Monte Novo dos Albardeiros: duas vistas da figurinha de argila cozida MNAL-J.12-99+ J.11-104.

são bem visíveis as pinturas ou tatuagens faciais, comuns aos dois grupos de representações, e os seios, presentes nas falanges de cervídeo. Mas o escultor calcolítico não considerou necessário incluir aqui a figuração do sexo (os seios bastaram).

A segunda metade da figurinha tem, porém, a morfologia geral da segunda metade de uma falange de equídeo, o que sublinha a proximidade de concepção de ambas e, naturalmente, a mesma representação.

Filiações, ou sub-filiações, geográfico-culturais?

A primeira (e primária...) reacção seria focar o olhar na Península de Lisboa, onde as falanges gravadas estão presentes em número bem superior ao do Alentejo. Mas será então altura para sublinhar que, nos solos calcários da Península de Lisboa, o osso se conserva muito bem e que, no Alentejo, a acidez do xisto e do granito reduziu a zero, em muitas situações, a matéria orgânica. Em muitas

situações, mas felizmente não em todas, e as falanges de cervídeo polidas ou pintadas recolhidas no *tholos* OP-2b, em Reguengos de Monsaraz, têm paralelos em áreas muito distantes, o Cerro do Castelo de Santa Justa incluído.

E não pertence o espólio do *tholos* OP-2b ao mesmo complexo «lisboeta» e «sulista» que os artefactos ideotécnicos e tecnómicos da última estrutura a ser

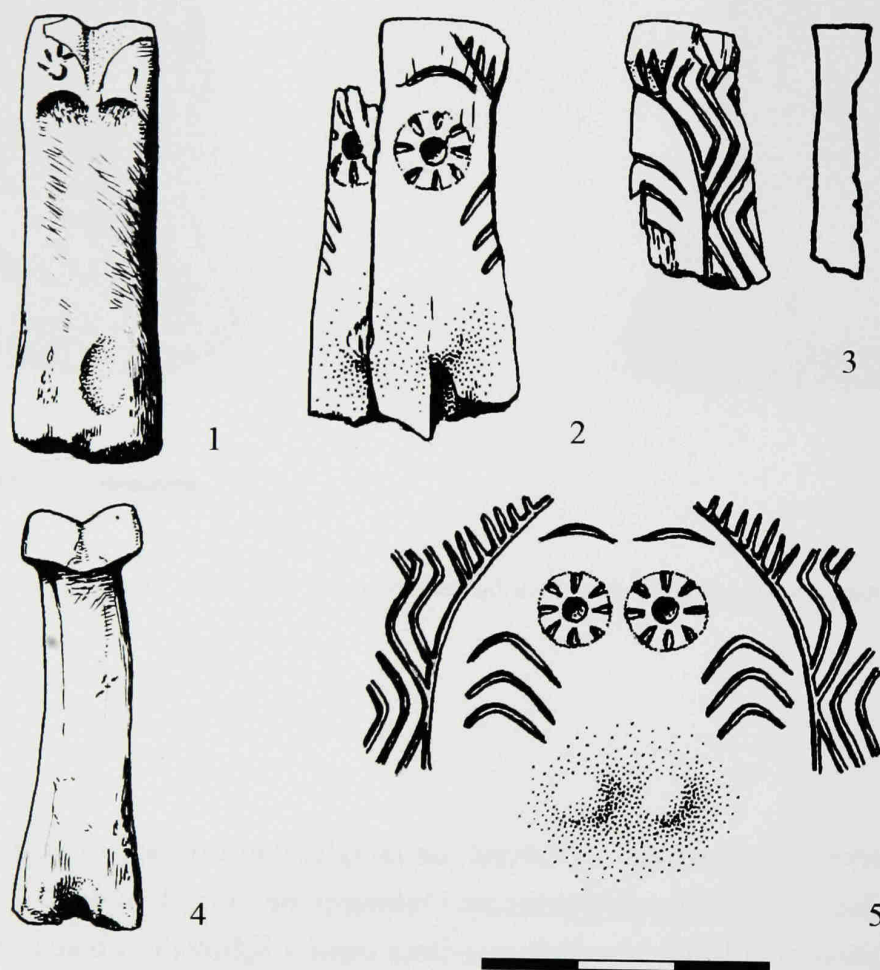


Fig. 5 – As falanges de cervídeo como suporte das imagens da Deusa no Cerro do Castelo de Santa Justa, cuja cronologia absoluta produziu infelizmente um intervalo de tempo tão grande que cobre não só a fase de «quinta fortificada» do Monte Novo dos Albardeiros como também a construção e uso da Estrutura tipo *tholos* posterior (UGRA-76, 2872-2039 CAL BC a dois sigmas, para sementes carbonizadas recolhidas junto às estruturas de combustão em cuja área de cinzas estavam as figurinhas de osso que aí foram certamente talhadas).

Na imagem 4, a falange foi apenas muito ligeiramente polida e mantém-se de pé. Na imagem 1, temos uma falange fortemente polida (e escurecida pelo fogo), apenas com Olhos de Sol. Na imagem 2, temos uma figurinha com Sobrancelhas, Olhos de Sol, «Tatuagens» ou pinturas faciais e Seios. No fragmento da imagem 3, temos ainda parte das «Tatuagens» ou pinturas faciais e a representação do Cabelo. A imagem 5 é uma reconstituição que soma os atributos da Deusa presentes nas falanges 2 e 3 e apresenta uma vista em plano (Gonçalves, 1989b).

construída no Monte Novo dos Albardeiros? Sem que isso signifique esquecer a sua arquitectura mista, com sobrevivências das construções ortostáticas?

Mais uma vez, e agora a terminar, recordo que tive já oportunidade de sublinhar as listagens de componentes da simbólica da Deusa e a raridade com que eles aparecem associados em pleno (Gonçalves, 1993).

Os componentes da simbólica da Deusa são os seguintes, e escolhi como referência exemplificativa diferentes tipos de artefactos ideotécnicos, de diferentes proveniências, mas filiados no mesmo complexo mágico-religioso:

Componentes da simbólica	SJ	CJM	TMO	SL-1	MNAL	PRD	AFC	CBC
Olhos em forma de Sol	+	+	+	+	?	+	+	+
Sobrançelas	+	+	+	+	-	-	+	+
Cabelo	+	-	-	-	-	-	-	-
Cabelo (tranças)	-	-	-	-	-	-	+	+
Pinturas ou tatuagens faciais	+	+	+	+	+	+	+	+
Nariz	-	-	-	+	-	-	+	+
Boca	-	-	-	+	-	-	-	-
Queixo	-	-	-	+	-	-	-	-
Seios	+	-	-	-	+	+	-	-
Umbigo	-	+	-	-	-	-	-	-
Triângulo púbico	+	+	+	-	+	-	-	-
Vulva	-	-	-	-	+	-	-	-

SJ: Cerro do Castelo de Santa Justa (figurinhas de osso); CJM: Cerro do Castelo de Corte João Marques (cerâmica); TMO: *Tholos* do Monte do Outeiro (vaso cerâmico); SL-1: Sala nº 1 (vaso cerâmico); MNAL: Monte Novo dos Albardeiros (figurinha de cerâmica – seios e tatuagens; falange de equídeo polida – vulva); PRD: Perdigões (vaso cerâmico); Anta da Fábrica da Celulose (placa de xisto gravada); CBC: Anta de Cabacinhtos (placa de xisto gravada).

Assim, a um primeiro olhar, dos 10 componentes identificados, a associação máxima num único suporte parece encontrar-se no notável fragmento cerâmico proveniente do nível 3 do *locus* 1 do povoado da Sala nº 1 (6 componentes constatados, mas, tratando-se de um fragmento do bordo de um recipiente cerâmico, nada nos indica que não existiriam outros) – Gonçalves, no prelo – no célebre vaso do *tholos* do Monte do Outeiro e na figurinha de osso de Santa Justa (5), ainda que, neste último caso, a contagem se faça corrigida por analogia com outro fragmento (Gonçalves, 1989b).

Normalmente, os contextos subentendidos dispensam, salvo em casos excepcionais, a integralidade do discurso. A expressão actual «a bom entendedor...» aplica-se também em determinados contextos precisos, e só neles. No exterior destas complexas teias de referência, a identificação não é impossível, mas certamente muito mais difícil. A pele de um leão é sempre a de um leão. Para um grego do séc. V cal BC, é a do leão da Nemeia e o seu portador é o semi-Deus dos 12 trabalhos. Certamente menos daqueles que temos que levar a efeito para procurar contextualizar imagens que se referem a histórias definitivamente perdidas, e não imortalizadas por um povo cuja escrita se constitui em chave para não poucas fechaduras.

Lisboa, Inverno de 2005



Fig. 6 – O Monte Novo dos Albardeiros visto do vizinho povoado do Marco dos Albardeiros (1986).



Fig. 7 – Vista para Oriente tirada do Monte Novo dos Albardeiros (1986).



Fig. 8 – Monte Novo dos Albardeiros: a Estrutura tipo *tholos* em fim de escavação (1988).



Fig. 9 – Monte Novo dos Albardeiros: acesso para o interior do povoado visto da grande torre oca. Observe-se o Corredor, com um lintel ainda no lugar, e a espessura da muralha. As três pedras no chão tapavam a deposição ritual de conchas que deve ter assinalado a fundação do sítio.



Fig. 10 – Monte Novo dos Albardeiros: interface arqueológica entre o topo da grande torre desactivada e a base da Estrutura tipo *tholos*, sendo visíveis lajes de xisto em escama de peixe, dispersas no solo primitivo do monumento.



Fig. 11 – Monte Novo dos Albardeiros: fragmentos do grande prato de bordo espessado MNAL K.12-91. Pela disposição dos fragmentos, a fragmentação deve ter sido resultante de um impacto do prato, caído das mãos de quem o transportava, sobre uma pedra de arestas vivas subjacente. Como consequência do embate, parte do prato rodou 200 graus, tombando para o interior do restante. Raras vezes temos oportunidade de registar fenómenos pós-depositacionais como este, salvo talvez no *tholos* OP-2b, em que foi possível registar as deslocações de fragmentos de vasos, muito provavelmente resultantes de impactos com o pé.



Fig. 12 – Monte Novo dos Albardeiros: a falange MNAL-K.12-96, vista de frente.



Fig. 13 – Monte Novo dos Albardeiros: a falange MNAL-K.12-96, rodando no sentido dos ponteiros de um relógio analógico.



Fig. 14 – Monte Novo dos Albardeiros: a falange MNAL-K.12-96, vista de trás.



Fig. 15 – Monte Novo dos Albardeiros: a falange MNAL-K.12-96, rodando no sentido dos ponteiros de um relógio analógico.



Fig. 16 – Monte Novo dos Albardeiros: a falange MNAL-K.12-96 vista de cima.

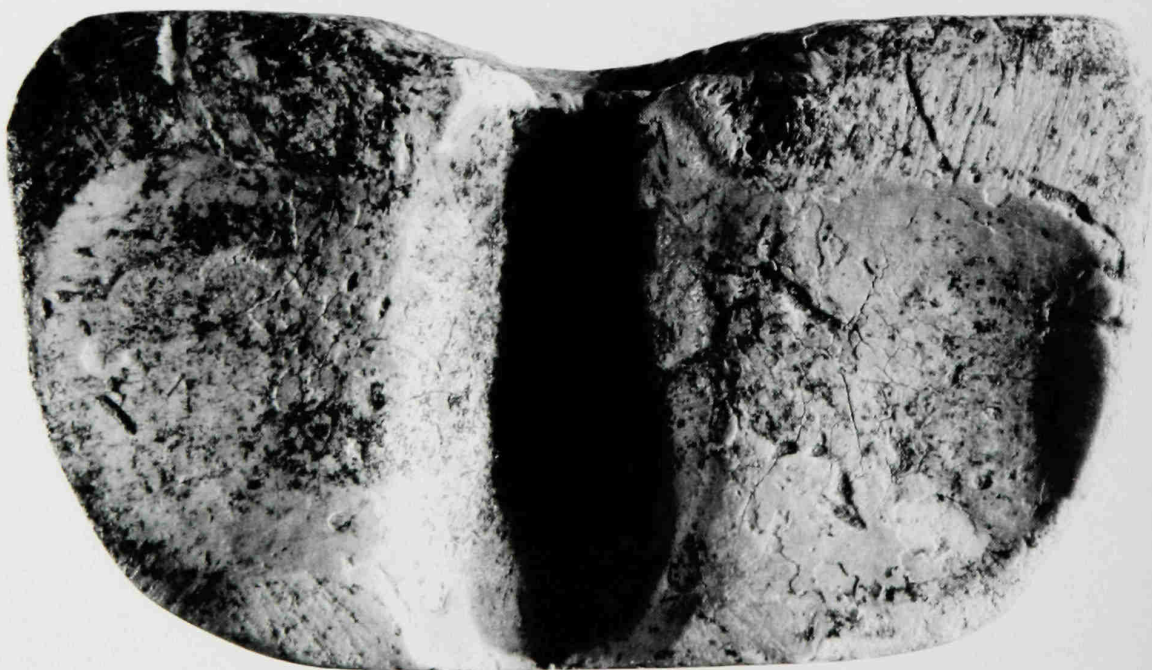


Fig. 17 – Monte Novo dos Albardeiros: a falange MNAL-K.12-96 vista de baixo.



Fig. 18 – Monte Novo dos Albardeiros: a falange MNAL-K.12-96, detalhe com a área natural, regularizada de forma a sugerir uma vulva.



Fig. 19 – Monte Novo dos Albardeiros: a figurinha de argila cozida MNAL-J.12-99+ J.11-104 vista de frente.



Fig. 20 – Monte Novo dos Albardeiros: a figurinha de argila cozida MNAL-J.12-99+ J.11-104, rodando no sentido dos ponteiros de um relógio analógico.



Fig. 21 – Monte Novo dos Albardeiros: a figurinha de argila cozida MNAL-J.12-99+ J.11-104, vista de trás.



Fig. 22 – Monte Novo dos Albardeiros: a figurinha de argila cozida MNAL-J.12-99+ J.11-104, rodando no sentido dos ponteiros de um relógio analógico.

BIBLIOGRAFIA

- GONÇALVES, V. S. (1970) – Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP. p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1980) – Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. 4-5. p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1982) – O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche). *CLIO*. Lisboa. 4, p. 7-18.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84) – Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da Campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa. 1, p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (1988-89) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros. *PORTUGALIA*. Porto. IX-X, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1989a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC. 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 5ª Série. 15; p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1995) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *I Jornadas de Arqueologia do Sudoeste Alentejano*, Sagres, 1991. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. (1996) – Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *OPHIUSSA*. Lisboa. Número 0, p. 77-96. Impresso em 2003.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) – *STAM-3, A anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: IPA.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos, estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. Cascais. Câmara Municipal. 2ª edição revista e aumentada com dois novos ensaios.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) – A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2; p. 143-166.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1; p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) – As deusas da noite: o projecto «PLACA NOSTRA» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2; p. 49-72.

GONÇALVES, V. S. (2004c) – As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22. P. 163-318.

GONÇALVES, V. S. (2005a) – Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no Extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *Mainaké*. Málaga. XXVI, p. 89-114.

GONÇALVES, V. S. (2005b) – As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. Aljezur: Câmara Municipal. Texto publicado em *O Arqueólogo Português*. 22. p. 163-318, republicado sob a forma de livro, com um estudo introdutório inédito.

GONÇALVES, V. S. (2005c) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.

GONÇALVES, V. S. (no prelo) – Black magic, white Goddess. Magico-religious practices of the 3rd millenium at Sala # 1 (Pedrógão do Alentejo, Portugal).

GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997) – A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular. In *Actas do colóquio internacional O Neolítico atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: UISPP. p. 609-634.

GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.

GONÇALVES, V. S., ed. (2000) – *Muitas antas, pouca gente? Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S., ed. (2003) – *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do*

Megalitismo. Lisboa: IPA. Actas do 2º Colóquio internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 2000.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004a) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2; p. 73-96.

GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005a) – As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1; p. 43-109.

GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005b) – As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba (N^a S^a de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2; p. 5-53.

GONÇALVES, V. S.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, F. (2005) – The copper archaeometallurgy at Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *O Arqueólogo Português*. S. 4, 23. p. 231-255.

GONÇALVES, V. S.; ALFARROBA, A. (no prelo) – Ver ao longe, na primeira metade do 3º milénio a.n.e. As visibilidades da quinta fortificada do Monte Novo dos Albardeiros. 3º Colóquio Internacional «Transformação e Mudança», Cascais, 2005. Volume a editar pela Câmara Municipal de Cascais.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

SCHUBART, H. (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. LXXV. P. 195-204.

VALERA, A. C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2002) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões. *ERA-Arqueologia*. 2. p. 84-103.